



Teoria da cor

Turner e Goethe

Nas últimas semanas de exibição em Lisboa, vale a pena ver as aguarelas de Turner e atentar no seu interesse pela ciência das cores

Alterar tamanho

A exposição de aguarelas de Turner agora presente em Lisboa, na Fundação Gulbenkian, tem atraído dezenas de milhares de visitantes. A mostra tem sido um espantoso sucesso, sobretudo se notarmos que se trata do representante de uma corrente que foi, durante o século XX, ofuscada pelo interesse do público em movimentos artísticos posteriores, tais como o impressionismo, o cubismo e a arte abstracta. Mas Turner é surpreendentemente moderno. As suas aguarelas mostram um artista preocupado com a impressão e emoção causada por uma imagem global. A sua exuberância de cores e luminosidade levaram-no a pintar imagens que se aproximam do abstraccionismo.



«Light and Colour (Goethe's Theory) – The Morning after the Deluge», c. 1843, explora a combinação de cores a que Goethe atribuía sensações contraditórias

Joseph Mallord William Turner (1775-1851) nasceu em Londres e começou muito cedo a pintar. A suas primeiras aguarelas assinadas e datadas são de 1787 e foram expostas para venda na barbearia do pai. Foi admitido na escola da Academia Real aos 14 anos de idade e aí expôs pela primeira vez em 1790. Em 1802 foi aceite como membro pleno da Academia, onde leccionou. Tornou-se um expoente maior do romantismo britânico e os seus quadros foram estudados por gerações de teóricos da pintura.

A mostra de Turner na Gulbenkian apresenta aguarelas, o que corresponde a um meio muito favorecido pelos pintores românticos da época. Os artistas estavam sedentos de uma representação da natureza tal como ela aparecia aos seus olhos e corações. Queriam registar um crepúsculo ou um agitar da folhagem, uma tempestade, uma cena campestre ou outras imagens fugazes que lhes apareciam. Eram repórteres da imagem e da emoção. Usavam o papel. A aguarela possibilitava-lhes a solução aquosa de pigmentos feita no momento. Era um meio facilmente transportável, por comparação com o pesado equipamento da pintura a óleo sobre tela.

A aguarela possibilitava ainda uma pintura suave e luminosa, com contornos mal definidos e transições ténues de coloração. Recorrendo a pigmentos novos produzidos pelo químico George Field, autor de **Chromatography** (Londres, 1869), Turner conseguiu criar imagens exuberantes, onde ressaltam cores novas e luminosidades inéditas.



«Plymouth with a Rainbow», c. 1825, uma aguarela sobre papel, da colecção Gulbenkian. De notar a correcta ordem das cores do arco-íris, com o vermelho de fora e o

Tratando-se de um pintor romântico, poderia parecer que nada estava mais

- ABERTURA
- Opinião
- Textos
- Cinema
- Factual
- Dança
- Teatro
- Exposições
- Música
- Livros
- Frases
- Dia-a-dia

Edição 1591

1º Caderno

2º Caderno

Única

Actual

Opinião

Edições Anteriores

Pesquisa

EDIÇÃO ONLINE

afastado das suas preocupações do que a ciência e o raciocínio sistemático. Mas isso seria ignorar a atracção pela modernidade que a ciência imprimiu nos artistas britânicos dos séculos XVIII e XIX. Nas suas aulas na Academia, Turner ensinava geometria euclidiana e discutia a perspectiva linear. Debatia as teorias da cor de Newton e as propriedades magnetizadoras da luz. O seu interesse pela ciência não se limitava à pintura. Conviveu com o cientista David Brewster e com a astrónoma Somerville (Mary Fairfax). Interessou-se pelas teorias cosmológicas de Ptolomeu e de Copérnico.

violeta no interior, ao mesmo tempo que a sensação de luminosidade e de cores intermédias é dada pela ausência de aguarelas

O contacto com Mary Somerville foi particularmente importante para Turner. Esta cientista, autora de um tratado sobre astronomia (**Mechanisms of the Heaven**, Londres, 1831), estudava o espectro solar e facilitou ao pintor o acesso a informação científica sobre os astros e sobre as teorias cosmológicas do passado. Nas vinhetas com que ilustrou uma edição das obras completas de John Milton (1608-1674), Turner desenhou meteoros e esferas celestes cristalinas imaginadas pelos seguidores de Ptolomeu. Mas o mais importante para o pintor foi o estudo da luz solar, tema em que Somerville era especialista.

Na altura, discutia-se ainda muito a teoria da cor de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1842), o poeta e romancista alemão que se interessava pelo estudo da natureza, nomeadamente pela botânica, e que tinha escrito longamente sobre a cor. Goethe tinha lido páginas sobre óptica de Isaac Newton (1642-1727) e não as aceitara. Tinha começado por repetir a célebre experiência de decomposição da luz branca através de um prisma e não tinha obtido os resultados descritos por Newton.



«Colour Circle No. 1», diagrama de cores «aéreas» (aditivas) incluído nas lições de Turner

Goethe olhou para uma parede branca através de um prisma e não viu as cores do arco-íris, mas apenas a luz branca da parede. Esquecera-se de que Newton tinha feito a sua experiência com um raio de luz estreito e tinha projectado a luz decomposta na parede. Os amigos apressaram-se a explicar o seu erro: olhando para a parede branca através do prisma, as diversas cores decompostas provêm de áreas várias da parede e sobrepõem-se, de forma que se vê de novo a sua soma, ou seja, a luz branca. No entanto, Goethe não ficou convencido e procedeu a outras experiências que, julgava, confirmavam o erro de Newton. Olhou através do prisma para um papel metade branco e metade negro e apenas viu uma coloração na zona de limite entre o branco e o negro. Deduziu que a cor era provocada pela transição da luminosidade para a escuridão, afinal segundo a velha e ultrapassada teoria de Anaxímenes e Aristóteles. Não percebeu que as cores supostamente em falta correspondiam à zona negra do papel. Esta e outras experiências que Goethe levou a cabo com obstinação e sem ouvir os conselhos dos cientistas levaram-no a conceber uma nova teoria da cor. Newton era apenas um charlatão e ele, Goethe, iria revolucionar a física. «Não tenho orgulho no que fiz como poeta», escreveu, «mas sou o único neste século que conhece a verdade na difícil ciência das cores». A história haveria de o apreciar de forma precisamente inversa.

Em 1791 e 1792, Goethe publicou dois panfletos com o título **Contribuições à Óptica (Beiträge zur Optik)** e em 1810 um volumoso trabalho de mais de 900 páginas que intitulou **Teoria da Cor (Farbenlehre)**. Este último teve bastante sucesso e continuou a ser vendido durante muito tempo. Ainda hoje se pode encontrar em edições modernas, tanto em língua alemã (Westerweide) como inglesa (MIT Press). Nessas obras, «tentou regressar a uma ciência descritiva», como dizia Heisenberg (**Werner Heisenberg**, Gradiva, 1990), opondo-se «à separação dos fenómenos nos seus aspectos objectivo e subjectivo».

Turner inspirou-se nas teorias de Goethe, mas não aceitou todas as suas conclusões. Nas notas à margem que escreveu na sua edição dos trabalhos do poeta registou diversas críticas, por vezes exclamando «Pobre Senhora Natureza!» No entanto, reagiu favoravelmente aos estudos de Goethe sobre a impressão causada pelas cores. Pintou alguns quadros, explorando esses estudos, nomeadamente **Light and Colour (Goethe's Theory) – The Morning after the Deluge**, onde joga com o círculo de cores, tão caro ao poeta. Nesse quadro aparece uma esfera com pinceladas de cores «efémeras» (amarelos), onde cores quentes e «esperançosas» (vermelhos) se sobrepõem às ameaças em diluição das cores «ameaçadoras» (azuis). Trata-se da manhã seguinte ao dilúvio, uma manhã de reinício da vida após uma noite devastadora.

Goethe tinha também estudado a adição de cores e tinha verificado que a sobreposição de pigmentos vermelhos, azuis e amarelos criavam o negro, o que tomou como uma refutação experimental da teoria de Newton. Não percebeu que se tratava da sobreposição subtractiva de cores, em que os pigmentos retiravam sucessivamente da luz branca as suas diversas componentes. Na sobreposição aditiva de cores, conseguida, por exemplo, com focos luminosos vermelhos, azuis e verdes, passa-se o contrário, gerando-se a luz branca quando os diversos focos se intersectam. Curiosamente, Turner foi um dos primeiros artistas a perceber perfeitamente o problema. «O branco», escreveu, é «a união ou composição da luz», enquanto «a mistura das nossas cores materiais se torna o oposto, negritude». O pintor pôs sabiamente em prática esse seu conhecimento. Nas suas aquarelas, como se pode ver, por exemplo, nos arco-íris, a ausência de tintas e o contraste de cores gera a impressão da luminosidade completa da luz do Sol. Para Turner, a compreensão das leis da natureza era um ponto de partida para melhor pintar as suas emoções.

TEXTO DE NUNO CRATO

Enviar 

Imprimir 

Comentar 

© 2003 SOJORNAL SA - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS . TERMOS DE UTILIZAÇÃO . USO DE DADOS PESSOAIS
ESTATUTO EDITORIAL . MANTIDO POR WEBMASTER . PEDIDOS DE INFORMAÇÃO . IMPRENSA . PUBLICIDADE